

## CONSEQUÊNCIAS DO PROCESSO DA DESCOLONIZAÇÃO

gasse no «Palácio Aéreo», durante algum tempo, naturalmente guardando o maior segredo. Pretendia, segundo afirmou, castigar a mãe de uma injustiça que lhe fizera e nenhum castigo lhe parecia proporcionado à falta senão convencê-la da sua morte. Seria interessante, dissera, ver como ela a trataria depois. Ele, confiado em que a menina não aguentaria mais do que uma noite, cedera aos seus modos insinuantes e arrebatados. A doença da irmã, que se agravara na mesma altura, contribuíra para lhe embotar as facultades de raciocínio. E tinha de reconhecer que a menina Palma o ajudara bastante nesse transe, influenciando-o com o seu saudável optimismo, além de lhe avivar amiúde a memória acerca dos medicamentos a ministrar à doente. Uma jovem invulgar, muito desaproveitada na escola. Em poucos dias aumentara cem vezes os seus conhecimentos de Botânica e Zoologia. Estava quase a acabar de ler o «Caramuru» e surpreendia-o com as suas observações muito pertinentes. Enfim, fora uma honra e um prazer hospedá-la no «Palácio Aéreo». Só lamentava que por causa disso fosse obrigado a responder em tribunal mas não duvidava que os seus julgadores iam acreditar na sua sinceridade. Mas então a história da menina Palma? Em que é que ficamos? Culpada ou inocente? A verdade é que não consigo chegar a uma conclusão. Prefiro considerá-los ambos vítimas de uma sucessão de acasos que os ultrapassaram. Mas vítimas que, de alguma forma, mereciam o que lhes aconteceu. A menina Palma, por andar a brincar com o fogo. O poeta do campo, por se comportar como um pequeno deus que julga poder introduzir desvios às leis da natureza.

Quanto à quinta, selado o portão e votadas todas as suas culturas ao abandono, perdidos os galináceos a favor do Estado, fechado e esquecido nalguma gaveta do tribunal o livrinho que contém o pensamento de Marco Aurélio, tornou-se tão árida como o resto da paisagem e acabou por ser vendida ao engenheiro Palma que queria oftereceer à vila um campo de futebol.

Um tipo nojento, o coronel. Passeava-se pelo hotel, a cagar sentenças, como se fosse o dono de tudo aquilo, e apesar da sua idade provectora, aí uns cinquenta bem puxados, não podia ver uma mulher sem ensaiar logo a maneira de lhe cair em cima. A minha frente tivera o arrojo de apalpar o peito da minha madrinha quando íamos os três no elevador, fingindo um súbito desequilíbrio que o projectou com ambas as mãos para a frente, e de que só se recompôs quando o elevador parou e uma família inteira de testemunhas de Jeová apareceu alinhada à entrada da porta.

Porém, só me apercebi verdadeiramente da força do bicho quando ele, ao apanhar-me sozinho num corredor deserto, me revistou de alto a baixo em poucos segundos sem passar em branco sítio onde pudesse esconder-se uma ervilha. A menina Borges partilhava da minha indignação mas alguns anos a mais, cerca de trinta, e um sentido muito agudo da fragilidade e efemeridade da vida, levavam-na a resolver tudo com banhos quentes, Hirudoïd, xarope para a tosse e um Bialzepam quando precisava da calma de um guru. Bem vistas as coisas, o coronel, ex-combatente do nosso império colonial, limitava-se a adoptar por reflexo, nos corredores do Siesta Hotel, os velhos métodos da guerrilha urbana. Em vez de architectar vinganças eu devia tentar compreendê-lo e se possível estudar a melhor maneira de não me atravessar no seu caminho. Ou então fazer como ela, que se aliara à esposa do coronel, uma senhora muito tímida e virtuosa, católica praticante, sempre vestida e penteadada com apuro apesar de diariamente fornicação.

Estávamos a passar férias no Siesta Hotel, três estrelas, cento e vinte e cinco apartamentos quase todos ocupados por retornados, uma decoração agressiva em cores ber-

sala de convívio. Ao fim de uma semana continuava nas mãos de um curioso que não atinava com o motivo que a fizera de repente pôr-se às escuras e a raiva e a desilusão fomentavam as especulações mais absurdas. Minha prima começou a encarar seriamente a hipótese de irmos embora. Não aguentava passar mais tempo sem o mundo *rustaquerre* do Bataclá, a sedução ambígua do enigmático doutor Mundingho. Perante tal ameaça lembrei-lhe que o coronel tinha televisão privativa no seu apartamento. E assim, uma noite, vestidas como duas freiras laicas com gripe e psicologicamente couraçadas contra todos os ataques, fomos bater à porta do apartamento do coronel, que já nos fizera saber mais de uma vez o prazer que teria com a nossa presença.

O serão começou sob os melhores auspícios, com o coronel completamente absorvido pela telenovela, devorando literalmente as atrizes como o demonstravam os caninos ensalivados e fazendo alguns comentários brejeiros sem interesse especial. Continuou com um brídege ao qual me esquiviei porque entretanto surgiu uma amiga da coronela, viciada na jogatina, e acabou com uma mostra de fotografias, quase todas de negras nuas, a que o coronel chamava pomposamente «imagens da nossa África».

Como não nos tínhamos saído mal da experiência repetimo-la no dia seguinte. Desta vez havia outra pessoa em casa, de quem aliás já ouvira falar muito. Refiro-me à filha do coronel, sobre quem corriam as histórias mais contraditórias desde que o pai lhe arranjava no próprio hotel um pequeno espaço para abrir um salão de cabeleireiro. Disse-me, mas não era isso que constava, que o subsdio do Estado mal lhe dera para arrancar com um secador, um lavatório e um calorífero. No decorrer daquele ano já experimentara de tudo, tranças com oleosidades ancestrais, carapinhãs descontentes, crânios róseos de sexagenárias depenadas, seborreias infecciosas, piolhos e parasitas vários, e a tudo deitara mão para bem servir a clientela, desde o DDT a produtos caseiros baptizados com o rótulo «made in France». O que ela não disse, e se murmurava à boca pequena

jorravam plumas lilás, malva e branco, de acrílico, e uma imaginação diabólica na profusão de cores e formas dos *abatoirs* tipo *mobile*, em tirinhas de plástico. Por fora a visão era ainda mais espectacular, quando se observavam as cento e vinte e cinco varandas viradas ao sol e a piscina em forma de rim, com os seus acessos por estradinhas de cimento entre relvados amachucados por centenas de pés que tinham desbotado até ficar cor de aço. Eu gozava as minhas primeiras férias na prata, na qualidade de acompanhante e parente com menos recursos de minha prima, a menina Borges, e não tinha vergonha de me mostrar grata embora a visse fazer algumas economias com o meu passadio, levando a delicadeza ao ponto de me antecipar aos seus designios para não a obrigar a lutar contra a sua natureza. Por exemplo, se a minha prima encomendava dois bolos, quando era sabido que um nunca a deixava satisfeita, eu comia apenas metade do meu com a preocupação de o fazer durar e assim podia dar-lhe a outra metade antes que ela ma pedisse, nada perdendo portanto e gozando ainda o prazer de a ouvir dizer obrigada, como se eu é que lhe tivesse oferecido alguma coisa. Por estas e por outras talvez não fosse apenas por razões genéticas que a prima Borges estava a ficar completamente redonda, mas, como ela muito bem dizia, tal como era agradável aos seus adeptos. O coronel Ramires, com as suas atitudes concupiscentes, dera-lhe ainda mais força na defesa dos seus pontos de vista sobre beleza feminina. A verdade é que eu nunca a vira tão desenvolvida e saltitante desde o tempo em que andara de namoro com um empregatário (que desaparecera com o dinheiro destinado às fundações do futuro lar) e, se bem interpretava certos sinais — os gelados lambidos em público com a língua toda, os roubos graciosos de uvas e frutos secos nas bancas do mercado, os sorrisos descarados sem destinatário aparente, o tom de voz desnecessariamente alto e esganicado —, a minha companhia devia estar a provocar-lhe um curioso efeito de regressão no tempo, apesar de eu não alinhar em charadas e até ficar incomodada com certas patetices.

a direita a uma velocidade incrível como por engano do computador. E era esta criatura, duplamente sedutora pelo génio financeiro e o tipo *étancé*, cem por cento colonial, que vinha ter comigo, se interessava pela minha existência, se propunha arranjar-me o cabelo de borla, me mostrava como tinha tudo a lucrar em trocar os saíotes engomados pela simplicidade de uns *shoyts* pretos muito justos e uma blusinha berante cortada numa capulana! Começaram a transmitir uma peça de teatro e ela aproveitou para me safar dali.

«Ainda — disse — vou apresentar-te o meu irmão. Não pode sair do quarto porque está de castigo.»

Bom, talvez eu devesse ter começado por falar no irmão da Semíramis. Efectivamente a família compunha-se de pai, mãe e dois filhos e tinha a particularidade de os filhos não saírem em nada aos pais e de se detestarem todos cordialmente, com excepção dos dois irmãos, que eram muito unidos. O filho tinha ainda uma particularidade só dele: era anão, mas um anão alto, um metro e quarenta no bilhete de identidade azul, embora já andasse pelos dezassete anos. Já o vira anteriormente mas só à distância e para lhe mostrar que não o confundia com um garoto cumprimentara-o com um meio sorriso bem feminino.

Portanto a Semíramis disse — vou apresentar-te o meu irmão — e eu senti-me profundamente emocionada porque era a primeira vez que prestavam homenagem à minha diferenção sexual e duma maneira cheia de galanteria.

— O meu irmão Péricles, Píkles para os amigos — disse a Semíramis. — Parece ter dez anos mas vai fazer dezassete. Os médicos dizem que foi um problema emocional que lhe travou o crescimento mas se um dia começa a crescer ninguém o agarra.

Na altura a apresentação pareceu-me carecer de tacto mas, como vim a saber, era assim que o Píkles gostava de jogar, arriscando tudo no primeiro encontro, para que cada um fosse obrigado a escolher a hipótese que o definia: doente, anormal, aleijado, fenómeno de feira, ou simples-

Estava rodeado de revistas técnicas sobre electrónica, computadores e outros temas pouco aliciantes mas que deviam entusiasamá-lo bastante a julgar pela confusão de papéis com números e diagramas que juncavam a mesa de trabalho. Caí na asneira de me mostrar interessada e o resultado foi passar uma boa meia hora a ouvi-lo explicar, por metáforas e imagens, o funcionamento de um computador. Quase me senti agradecida quando a coronela entrou no quarto e depois de dizer que nos vinha fazer companhia durante uns minutos começou a falar da vida que levavam em África (comiam lagostins todos os dias e ela ia aos bailes do Governador de vestido comprido de lhama e sandálias douradas!) e dos projectos que tinha para o futuro dos filhos. Reparei que o amor de mãe não a cegava nem a lembrança dos esplendores passados a afectava na sua maneira de ser realista e prática. Entre outras coisas acertadas, disse que o filho não servia para quem queria homem bonito na cama, mas rapariguinhas espertas como eu sabiam dar o devido valor a um futuro engenheiro de máquinas. Olhei para o Píkles. Ele emendou com os lábios, «electrónico». Desfeito o equívoco rimo-nos os quatro e a conversa prosseguiu civilizada e ordeiramente.

— O que é que pensas do meu irmão? — perguntou-me a Semíramis à despedida, quase com angústia.

Respondi-lhe, pouco à vontade, que o achava um tipo muito curioso.

— Mas porquê? — insistiu.

— Bom... porque sabe uma porção de coisas e também porque tenho a impressão de que «aquilo» lhe deu uma maturidade especial.

Ela ficou aliviada. Disse: — Eu sabia que ias perceber. Não é só a inteligência dele, é o resto. Nem sequer é propriamente maturidade. Maturidade é uma palavra tão gasta, não concordas? Mas tens razão ao falar «daquilo». «Aquilo» às vezes pode ser muito chato ou mesmo terrível mas não no sentido que as pessoas julgam.

Depois disso habituei-me à obscuridade do pensamento e dos hábitos linguísticos da Semíramis quando tocava no seu assunto favorito, o irmão. Nunca se referia a ele sem grandes circunlóquios e prolegómenos, como se a verdade do Píkles se escondesse algures no interior de um labirinto de que ninguém senão ela tinha o fio condutor.

Depreendi no entanto que ela diagnosticava uma psicose de culpa do coronel em relação ao filho, que em criança desmaiava ao ouvir o pai berrar em casa com o vozeirão de comandar os tropas, e um dia, a propósito do horror do Píkles por animais domésticos, em especial gatos, contou-me que o coronel o obrigava a atirar sobre gatos vadios para ter a mão treinada quando chegasse a altura de acertar noutros alvos. Então o meu interesse por ele redobrou e por várias vezes, de uma maneira alusiva e discreta, tentei encaminhar a conversa para os traumas da guerra, assunto que estava muito na ordem do dia, mas a família em bloco não mostrava perceber e a coronela até tinha o deslante de sorrir e acenar com a cabeça e depois virava-me as costas, como se ao meu direito de falar correspondesse o dela de não responder. Conversar com o Píkles também não era fácil pois ele estava quase sempre de castigo (traduza-se: trancado no quarto a estudar) e a coronela recambiava-me amavelmente. Perguntei à Semíramis que crime é que ele tinha feito e ela explicou-me que para além de não crescer não tinha feito mais nada, mas, precisamente por ser anão, os pais o obrigavam a estudar muito para tirar o máximo de partido da sua inteligência o que já não seria preciso, evidentemente, se fosse um monte de músculos estúpido q.b. Além disso ninguém conseguia tirar a mania ao coronel de que o rapaz era anão porque se obstinava em não crescer, primeiro para fugir à tropa, depois para lhe frustrar os planos, já que pelas leis da hereditariedade devia ter saído um latagão como eram todos os machos da estirpe dos Ramires.

Minha prima, a quem transmiti estas informações, abespinhou-se toda quando eu acusei o par de farisaísmo

tíssima e um comportamento digno de uma grande dama caída em desgraça. Se se mostravam um bocado severos para com o seu único filho era porque queriam prepará-lo para os graves problemas que havia de enfrentar pela vida fora se não conseguisse atingir um tamanho normal. Antes disso, atalhei eu virtuosamente, que um gigante com falta de miolos. Aí é que tu te enganast!, saltou ela como uma fera, picada pela minha alusão, ainda que velada, ao coronel. Isto foi o ponto de partida para uma discussão em que a menina Borges defendeu como sempre a importância da componente sexual no amor e no casamento e eu a escandalizei enchendo-lhe os ouvidos com as minhas preferências eróticas que abrangiam em lugar de destaque Clayanger, o meu professor de moral e o inesquecível Poil de Carotte antes de se tornar no senhor Renard.

Acho que foi depois desta conversa que me pus a pensar no Píkles, não sei bem por que associação de ideias, a ponto de ele se tornar uma referência obsessiva e obsidiante ao longo das vinte e quatro horas do dia, para espanto de algumas pessoas que se davam conta de que eu vivia em permanente conluio físico e mental com uma personagem invisível. Assim, e pondo de lado a influência de Semíramis, que tinha o cuidado de esconder bem o seu jogo sob uma máscara confusa e mistificadora, tenho de admitir que fui eu que construí à volta do Píkles um enredo complicado de encantamento e sedução e, mais que sucumbir aos poderes da inocente vítima, me deixei envolver nos meus próprios sortilégios.

Foi assim. Há muito que o coronel planeava uma ida à praia, não o costumeado pedaço de areia a abarrotar de veraneantes para onde se encaminhavam diligentemente os hóspedes do hotel, mas um pedaço de costa ainda virgem onde se podia andar nu na santa cumplicidade da natureza e o marisco crescia à solta como erva num pragal. Levava-se um farnel, colchas velhas para armar uma tenda e dormir à sesta, comia-se uma caldeirada e voltava-se noite fechada, depois de termos visto o sol mergulhar nas águas,

das previsões atmosféricas não seriam mais preparativos. O *Opel* do coronel, lavado à mangueirada por fora e por dentro, não perdera contudo o cheiro a ranço, como se tivesse passado para ele alguma coisa do seu possuidor. Em contrapartida era largo e confortável, oferecendo boas superfícies de apoio. A frente sentaram-se o coronel e a esposa. Atrás a minha prima, uma amiga da coronela, a Semíramis, o Píkles e finalmente eu, em diagonal com o nosso líder. Como a minha prima ocupava dois lugares ficava para o Píkles um pequeno espaço simbólico à beira do assento, conseguido à custa de um esforço permanente, meu e da Semíramis, para mantermos as pernas de esguelha e perfeitamente unidas. Era tão incómodo que ainda não tínhamos andado meia-dúzia de quilómetros icei-o para os meus joelhos e rodeei-lhe a cintura com o anel dos braços.

Foi o melhor que podia ter feito. O peso pluma do Péricles não dava para me amarrotar a saia nem transmitia mais calor do que uma lâmpada de 40 watts. A partir daí comecei verdadeiramente a gozar a viagem. O *Opel*, apesar de larguíssimo e descentrado e da tendência para deslizar para fora da faixa, lá ia cumprindo o seu dever, com grande gáudio do coronel que não lhe regateava elogios. Logo de início tratara de avisar que passeio era passeio, não íamos correr a maratona, mas, incitado pela Semíramis, acabou por carregar no acelerador até o ponteiro do conta-quilómetros encostar à direita do quadrante. Foi o delírio. O ar salino entrava em força pelas janelas abertas e as toa-lhas e tudo o que era pano estralejava e ameaçava levantar voo. Eu e o Píkles, curvados para a frente, recebíamos em pleno rosto a chicotada do vento, uma sensação exaltante, não muito diferente, julgo eu, da que teríamos se fôssemos dois malucos de moto, a fugir da polícia no deserto do Mojave. A verdade é que a velocidade e a trepidação estavam a dar-me volta à cabeça e sem dar por isso estreitei tanto o abraço ao Píkles que ele protestou com um gemido abafado. Tanto bastou para cair em mim e procurar tranquilizá-lo com as palavras mais doces do meu vocabulá-

debaixo da camisa africana com desenhos de frutos e animais tropicais e acariciei-lhe a pele morena esticada sobre uma armação flexível e elástica como o corpo de um pombo. Vendo que marés de arrepios lhe percorriam as costas pensei que talvez viesse a calhar uma massagem, arte em que era bastante hábil desde que a minha prima me iniciara nesse método para a ajudar a combater as insónias. Comecei pela zona das omoplatas, agreste e montanhosa, e fui explorando centímetro a centímetro cada parcela de território, ora percorrendo o fino rosário dos ossos da coluna, ora irradiando em excursões para os lados, primeiro com a preocupação de copiar o virtuosismo dos dedos da minha prima, depois guiada por uma inspiração muito mais pessoal, que tinha em conta a linguagem do coração mais do que uma técnica aprimorada.

E a prova de que não me estava a sair mal era ver o Píkles balançar-se ao ritmo dos meus joelhos, a morrer-me aos poucos nas mãos como um balão mal atado. Nem precisava de o ver para saber a expressão que lhe ia nos olhos. Se parasse havia de me detestar, portanto era obrigada a continuar e a manter um ar ao mesmo tempo natural e animado mas não tropo. Felizmente que a Semíramis servia-me de biombo e atraía as atenções, rindo e conversando com a sua voz estentórea.

Quando os pulsos me começaram a doer experimentei interessear o meu protegido por outras distrações mais sãs como seja o dia bonito, as alegres camionetas de carreira cheias de excursionistas, as putas à beira da estrada com o ar de ter acabado de cair da estratosfera, mas logo compreendi que ainda não era tempo ao receber uma série de pontapés nas canelas. O pior é que as exigências do Píkles não iam ficar por ali, tornava-se bastante evidente, e eu não estava em situação de resistir sem provocar um escândalo de dimensões incalculáveis. Obedecendo a um gesto de comando dele, deixei que os meus dedos escorregassem pela região das ancas e da barriga, cova rasa e firme, enterada entre dois ossos aguçados como penhascos. Aí consta-

de nomenclatura que ele costumava trazer para a praia. Já não que mais parecia uma trela ou grilhão de escravo. Já não podia voltar atrás. Entrara na zona de influência do Píklés (elegante subterfúgio que me evita explicações embaraçosas) e era tão livre de desistir como ele de satisfazer a curiosidade da mãe, que queria saber a razão por que o nosso duo se mantinha tão calado. Em suma, fi-lo gozar bastante e também aproveitei alguma coisa. A tal ponto que deixei por completo de ouvir a voz acalorada da Semíramis e só reagi ao encontro amigável que ela me deu com o cotovelo quando o carro se immobilizou à vista da linha azul-escura do mar e ao silêncio extasiado se sucedeu a balbúrdia e o rebuliço da confusão da chegada, num ambiente de euforia alarve em que de repente nos vimos separados, eu e o Píklés, sem perceber muito bem que meios tinham usado para pôr fim à nossa associação.

A praia ficava ainda longe e por isso foi com os olhos já a vergar de cansaço que atingimos o cobizado solo arenoso. Separámo-nos em dois grupos, homens para um lado, mulheres para o outro, e vestimos os fatos de banho agachados no canavial. Depois convergimos vagarosamente para o nosso acampamento, cada um a tentar disfarçar os seus pontos fracos e a apreciar as plásticas alheias às furtadelas. Salvava-se a Semíramis, com as suas coxas firmes e bem modeladas, a pele de seda cor de canela e toda a sua pujança tropical. O coronel tinha corpo de sapo, a coronela e a amiga defendiam-se com fatos de banho espartilhados e enchumacados e escondiam o desalinho dos cabelos de baixo dos imponentes cones dos chapéus mexicanos. Minha prima, essa, não tinha comparação possível com ninguém. O seu fato de banho era um modelo de patinadora com um palmo de saia aos folhos para tapar a superabundância de carnes e como não dispensava a maquilhagem nem os colares, os braceletes e os anéis repolhudos, parecia um ídolo gordo e juvenil. A Semíramis propôs que fôssemos imediatamente ao banho e todos a seguimos, desprezando os apelos insistentes da menina Borges, que não tinha pressa nenhuma em molhar-se e perder o aspecto apresentável. Deixando-os

até uma pequena enseada inacessível a pé enxuto. Caí na areia, exausta, enquanto ela se afastava, sem evidenciar ponta de cansaço, anunciando que ia fazer umas explorações e não precisava de companhia. O Píklés ficara logo estendido junto da orla do mar, virado de nariz para baixo e esquartelado como um náufrago dado à costa morto. Fechei os olhos. Pensei que se ele quisesse viria ter comigo mas os minutos passaram vagarosamente sem que nada perturbasse a placidez da hora e do lugar. Inesperadamente começou a chover. Nem queríamos acreditar mas era mesmo chuva, proveniente de uma única nuvem enorme e arredondada que se instalara à frente do sol e por cima das nossas cabeças, delimitando um espaço escuro atravessado por traços oblíquos que ao cair cavavam pequenas crateras no chão. Antes que ficássemos completamente encharcados corremos a abrigar-nos sob a cornija de uma rocha. Ali perto abria-se uma espécie de nicho profundo entre dois blocos, para onde mudámos à procura de uma protecção mais eficaz. Afinal a abertura continuava por um corredor que ao alargar-se deu lugar a uma gruta de tecto baixo onde o ar parecia acumulado sob pressão e tinha um cheiro intenso e iodado. E foi aí que se deu o milagre, melhor, a metamorfose, pois não aconteceu nada que não obedecesse a leis naturais e até não tivesse sido previsto pelos médicos. Naquela atmosfera purificada de fundo do mar o Píklés desencilhou-se, empertigou o tronco, esticou os braços, e daí a pouco tocava com a testa no tecto da caverna. Instantes depois tinha de se ajoelhar para caber lá dentro. No entanto não parecia nada assustado e eu própria, depois de me convencer de que o fenómeno não era perigoso nem incontrolável, sucumbi à alegria e emoção de participar com ele no grande Evento. Acresce que chorei, ou antes, vertemos em conjunto lágrimas que chegaram para humedecer um pouco de areia à nossa volta.

Fomos encontrar a coronela e a amiga tricotando diligentemente à sombra dos chapéus mexicanos, entre um monte de toalhas encardidas. O coronel e a minha prima

de que a coronela dissesse alguma coisa a propósito da transformação do Píkles mas tudo o que lhe concedeu foi um breve olhar apreciativo. A outra não foi mais explícita. Só depois é que percebi que estavam a conspirar contra a minha prima e o coronel e o movimento solerte das agulhas traduzia às mil maravilhas o seu estado de espírito.

Quando quis voltar a ver o Píkles fui praticamente posta na rua. Estava a preparar-se para os exames finais dos cursos por correspondência e o coronel não permitia que alguém se atrevesse a pôr em perigo os frutos de um ano de trabalho. A menina Borges também não teve mais sorte. A coronela ameaçara o marido de divulgar o seu indigno procedimento, fazendo-o perder a autoridade de que gozava no hotel e talvez dizer adeus a alguns privilégios.

Deixámos o hotel ainda na estação alta, quando a piscina desaparecia sob um mar de gente e todos os dias se registavam animadas aglomerações no hall, enquanto a porta ia e vinha nas jambas trazendo baforadas de calor e o afluxo de novos clientes. Antes de entrar no táxi olhei pela última vez as cento e vinte e cinco varandas e a piscina em forma de rim, agora todas tortas e esfumadas, entrevistadas através de uma membrana líquida. Mesmo assim acho que descobri o que procurava, o Píkles à varanda do apartamento. Estava empoleirado nas grades e fazia adeus, mas àquela distância e contra o sol não me atrevo a afirmar que o adeus era para mim, nem sequer se era ele, um homem baixo, um anão, um rapaz desconhecido ou algum menino.

## O QUERIDEZAS